

Projeto Vidas Paralelas Migrantes: mosaicos de cenários, perspectivas e produção de conhecimento no Brasil e na França – 2017/2020

Project Migrant Parallel Lives: mosaics of scenarios, perspectives and knowledge production in Brazil and France – 2017/2020

Proyecto Vidas Paralelas de Migrantes: mosaicos de escenarios, perspectivas y producción de conocimiento en Brasil y Francia – 2017/2020

Maria da Graça Lüderitz Hoefel¹
Regina Glória Nunes Andrade²
Denise Osório Severo³
Heloisa Helena Ferraz Ayres⁴
Ximena Pamela Bermúdez⁵
Claudia Teresinha Washington⁶
Wallace Araujo de Oliveira⁷
Renata Ferraz Ayres⁸

RESUMO: Este artigo aborda a experiência do Projeto Vidas Paralelas Migrantes Brasil-França, implantado entre 2017 e 2020 em Brasília, Rio de Janeiro, Paris e Montpellier. Trata-se de uma pesquisa-ação realizada por meio de cooperação internacional entre Universidade de Brasília, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Université Paris 5, Université Paris 13 e Université Montpellier 3, financiada por edital CAPES-COFECUB. O artigo constitui um recorte de pesquisa do trabalho desenvolvido em Brasília com estudantes migrantes vinculados ao Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) da Universidade de Brasília e com o Mouvement Sans-Papiers em Paris, bem como as experiências realizadas junto aos centros de acolhimento de migrantes da Cáritas, situado no Rio de Janeiro e em Paris. Aborda-se também trabalho de pesquisa sobre o processo de socialização de migrantes e refugiados vinculados a diversas organizações sediadas em Paris. A partir do resgate das experiências, busca-se refletir sobre os diferentes

1 Doutora em Sociologia. Professora do Departamento de Saúde Coletiva UnB.

2 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil.

3 Professora do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília. Membro do Laboratório de Saúde do Trabalhador, Saúde Indígena e Saúde dos Migrantes.

4 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil.

5 Universidade de Brasília (UnB), Brasil.

6 Doutora em Poéticas Contemporâneas (UnB), com estágio doutoral no laboratório d'Éthique Médicale et de Médecine Légale (Paris 5, França), mestre em Processos Artísticos (UDESC), especialista em História da Arte Moderna e Contemporânea (EMBAP) e graduada em Educação Artística (UFPR).

7 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil.

8 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil.

cenários, perspectivas teóricas e os caminhos percorridos na produção do conhecimento acerca do cotidiano de vida, cultura, saúde e trabalho dos migrantes, assinalando os avanços e desafios que caracterizam o desenvolvimento de um trabalho de cooperação.

Palavras-chave: Migração; Imagem; Educação Popular; Pesquisa-Ação; Cooperação.

ABSTRACT: This paper addresses the experience of the project migrant parallel lives in Brazil-France implemented between 2017 and 2020 in Brasília, Rio de Janeiro, Paris and Montpellier. This action research is carried out through international cooperation between the University of Brasilia, the State University of Rio de Janeiro, Université Paris 5, Université Paris 13 and Université Montpellier 3, funded by a CAPES-COFECUB. This research is an excerpt of the work developed in Brasilia with migrant students linked to the Students-Graduation Agreement Program (PEC-G) of the University of Brasilia and with the Mouvement Sans-Papiers in Paris, as well as the experiences carried out with the reception centers for migrants like Caritas, located in Rio de Janeiro and Paris. Research work on the socialization process of migrants and refugees linked to various organizations based in Paris is also addressed. Based on the recovery of experiences, we reflect on the different scenarios, theoretical perspectives and paths taken in the production of knowledge about the daily life, culture, health and work of migrants, pointing out the advances and challenges that characterize the development of cooperative work.

Keywords: Migration; Image; Popular Education; Action Research; Cooperation.

RESUMEN: Este artículo aborda la experiencia del Proyecto Vidas Paralelas Brasil-Francia Migrantes, implementado entre 2017 y 2020 en Brasilia, Río de Janeiro, París y Montpellier. Se trata de una investigación-acción realizada a través de la cooperación internacional entre la Universidad de Brasilia, la Universidad Estatal de Río de Janeiro, y la Université Paris 5, la Université Paris 13 y la Université Montpellier 3, financiada por un aviso CAPES-COFECUB. El artículo constituye un extracto de investigación del trabajo desarrollado en Brasilia con estudiantes migrantes vinculados al Programa Estudiantes-Acuerto de Graduación (PEC-G) de la Universidad de Brasilia y con el Mouvement Sans-Papiers de París, así como las experiencias realizadas con los centros de acogida de migrantes de Caritas, ubicados en Río de Janeiro y París. También se abordan trabajos de investigación sobre el proceso de socialización de migrantes y refugiados vinculados a diversas organizaciones con sede en París. A partir de la recuperación de experiencias, buscamos reflexionar sobre los diferentes escenarios, perspectivas teóricas y caminos tomados en la producción de conocimiento sobre la vida cotidiana, la cultura, la salud y el trabajo de los migrantes, señalando los avances y desafíos que caracterizan el desarrollo de trabajo cooperativo.

Palabras clave: Migración; Imagen; Educación Popular; Investigación para la Acción; Cooperación.

INTRODUÇÃO

O Projeto Vidas Paralelas (PVP) Migrantes Brasil-França constitui uma pesquisa-ação realizada por meio de cooperação internacional entre a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade do

Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a Université Paris 5, Université Paris 13 e Université Montpellier 3, financiada por edital CAPES-COFECUB, com vigência entre 2017 e 2020. Esse projeto busca revelar o cotidiano de vida, cultura, trabalho e saúde a partir da ótica dos sujeitos em situação de migração no contexto de ambos os países, por meio da produção de imagens (fotografias, vídeos e proposições plásticas) e do compartilhamento das expressões culturais em uma rede social e em espaços socioculturais que favorecem a reflexão, a participação social e a construção de políticas públicas, concernentes com a garantia dos direitos humanos dos migrantes.

O PVP surge no Brasil em 2007 a partir da demanda da classe trabalhadora. Na época, almejava-se a construção de processos participativos em que os trabalhadores pudessem revelar suas condições de vida e elaborar políticas públicas adequadas às suas necessidades. Cansados de ocupar o lugar de público-alvo de políticas ou de objetos de pesquisas, os próprios trabalhadores queriam evocar suas percepções e oferecer soluções capazes de garantir a dignidade humana e o direito à produção e reprodução da vida¹. Assim, entre 2007 e 2020, o projeto percorreu um longo caminho que permitiu a construção coletiva de uma metodologia própria, elaborada em conjunto com os distintos atores sociais, que foram se expandindo para povos indígenas, camponeses, parteiras, sujeitos em sofrimento mental e, por fim, migrantes.

Em 2015, face à crescente preocupação em torno do fenômeno global das migrações e das condições de vida dos migrantes, inicia-se a elaboração do PVP Migrantes Brasil-França, cuja implementação começa em janeiro de 2017, em quatro cidades: Brasília, Rio de Janeiro, Paris e Montpellier. Embora os aspectos teórico-metodológicos do PVP Migrantes sejam objeto de outro artigo, é importante aqui assinalar que o método tem como um de seus eixos centrais o desenvolvimento de oficinas de fotografia e direitos humanos, compreendidas como espaços democráticos de experiência do comum sensível e construção coletiva de saberes²⁻⁵, bem como de estratégias políticas que promovam, em alguma medida, a garantia dos direitos humanos dos migrantes. Isso é relevante pois as experiências abordadas neste artigo são evidentemente atravessadas pelas oficinas, mas irão percorrer trilhas próprias, desenvolvidas de forma a respeitar as distintas realidades, campos teóricos, acúmulos e trajetórias das instituições e sujeitos envolvidos, a fim de potencializar e consolidar uma rede internacional de pesquisa capaz de contribuir com a produção de conhecimento em torno da temática da migração e, simultaneamente, favorecer a construção coletiva de formas de intervenção na realidade que de fato propiciem o protagonismo dos sujeitos da ação.

Ademais, como uma cooperação internacional de pesquisa, buscou-se naturalmente desenvolver processos articulados à dinâmica de produção científica em ambos países e, simultaneamente, propiciar diálogo e estreitamento das relações entre as universidades e as organizações da sociedade civil envolvidas com o acolhimento de migrantes. Nesse sentido, no âmbito do Brasil, o projeto foi desenvolvido de modo articulado ao Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IDMH), Cáritas Rio de Janeiro, Aldeias Infantis SOS/Brasília e Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Na França, o trabalho foi realizado em articulação com a Cáritas Paris,

Archives de l'immigration familiale (ARIFA) e Mouvement Sans-Papiers.

Esse processo envolveu várias esferas das universidades. Na UnB, a pesquisa esteve vinculada ao Departamento de Saúde Coletiva, ao Laboratório de Saúde do Trabalhador, Saúde Indígena e Saúde dos Migrantes, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva e à Assessoria de Relações Internacionais, especificamente ao Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). Na UERJ, o projeto esteve a cargo do Núcleo de Pesquisa e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Já no cenário francês, a pesquisa foi vinculada ao Laboratoire d'Éthique Médicale et Médecine Légale da Faculdade de Medicina da Université Paris Descartes (entre 2017 e 2018), ao Laboratoire d'Études et de Recherches en Sociologie et Ethnologie da Université Montpellier 3 e à Unité Transversale de Recherches en Psychogénèse et Psychopathologie da Université Paris 13. Assim, o projeto foi se conformando a partir da leitura da realidade e da articulação com as organizações da sociedade civil, o que conduziu a sete experiências com grupos diferentes, distribuídos nas cidades de Brasília, Rio de Janeiro e Paris, além dos trabalhos desenvolvidos em Montpellier, junto à Université Montpellier 3, estes últimos mais circunscritos ao campo teórico.

Como mencionado anteriormente, a cooperação internacional abarcou um conjunto amplo de ações que não se limitou às experiências aqui abordadas, mas se desmembrou em dezenas de atividades, incluindo o desenvolvimento articulado de investigações em nível de iniciação científica, dissertações de mestrado, teses de doutorado, pesquisas de pós-doutorado, projetos de extensão articulados às organizações da sociedade civil, disciplinas de graduação e pós-graduação, bem como inúmeras atividades de produção e difusão científica e artística, por exemplo, a organização de colóquios internacionais no Brasil e França, exposições fotográficas, produção compartilhada de artigos, catálogos, livros, audiovisual. Esse trabalho contribuiu expressivamente para a consolidação de uma rede internacional de pesquisa que tem como eixo norteador a construção coletiva com os sujeitos da ação e com o conjunto da sociedade.

Dito isso, este artigo compartilha as experiências do Projeto Vidas Paralelas (PVP) Migrantes Brasil-França com intuito de refletir sobre os distintos cenários, perspectivas e formas de produção coletiva do conhecimento, e discutir suas aproximações e distanciamentos em cada local, oportunizando a ampliação do debate acerca do fenômeno da migração, bem como das potencialidades e desafios que implicam a construção de redes.

PVP MIGRANTES E PEC-G/UNB: CAMINHOS METODOLÓGICOS E OLHARES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS MIGRANTES EM BRASÍLIA

A experiência do PVP Migrantes na cidade de Brasília iniciou-se por meio de uma parceria com o Instituto de Migração e Direitos Humanos (IMDH), objeto de outro artigo⁶, e posteriormente abriu outras frentes de trabalho, tal como o processo realizado com os estudantes universitários migrantes oriundos do continente africano, vinculados ao Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) da UnB. Esse trabalho foi articulado ao desenvolvimento de duas pesquisas

de iniciação científica, implementadas de modo integrado ao PVP Migrantes CAPES-COFECUB e ao projeto de extensão do PVP/UnB, entre os anos de 2018 e 2019. Cabe dizer que o PEC-G é uma cooperação educacional internacional criada no Brasil em 1965, destinada à formação de estudantes estrangeiros em nível de graduação, oriundos de países em desenvolvimento, sobretudo da África e América Latina, que é parte das políticas de relações internacionais do Brasil e é administrado pelo Ministério da Educação – por meio da Secretaria de Ensino Superior (Sesu) – e Ministério das Relações Exteriores⁷.

O PEC-G existe em todo o Brasil e, nos últimos anos, o país recebeu aproximadamente 9 mil alunos de 59 países, 76% dos estudantes são de 25 países, especialmente de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Equador, Paraguai e Peru. A cada ano, o Brasil recebe 400 estudantes distribuídos em distintas regiões. A UnB, atualmente, apresenta 60 estudantes PEC-G, oriundos da África e América Latina, vinculados a diferentes cursos. Apesar de o programa existir há mais de cinco décadas, nem sempre as universidades estão preparadas para acolhimento apropriado e oferta de condições que favoreçam a inclusão acadêmica, social e cultural desses estudantes migrantes, bem como a garantia dos direitos humanos pelo conjunto da sociedade.

Imbuído dessas questões e diante de demandas advindas da coordenação do PEC-G no âmbito da UnB, o grupo de pesquisa vinculado ao PVP Migrantes apresentou a proposta do projeto para os estudantes migrantes ligados ao referido programa, a fim de debater e verificar o interesse em seu desenvolvimento, bem como discutir possíveis adaptações metodológicas capazes de responder à realidade específica desses estudantes.

Assim, em abril de 2018, esse processo de diálogo foi iniciado. Entre as primeiras conversas e a decisão final do grupo no sentido de desenvolver o projeto passaram-se alguns meses. As várias reuniões realizadas com os estudantes e com a coordenação do PEC-G na UnB foram fundamentais para compreender algumas questões iniciais vivenciadas por eles e, especialmente, para se dar conta de inúmeras lacunas existentes, a começar pela invisibilidade do programa na própria universidade, apesar dos expressivos esforços tanto dos alunos quanto da coordenação institucional envolvida.

Havia ali muitos sinais que indicavam efetivamente a necessidade de trazer à luz uma realidade velada e que, em muitos aspectos, assemelha-se às dificuldades encontradas por outros grupos de estudantes da UnB, notadamente àqueles vinculados às ações afirmativas, embora não houvesse sinalizações de diálogos entre estes. Entretanto, do ponto de vista institucional, isso também apontava para históricas reproduções de problemas relacionados à departamentalização e às dificuldades de interlocução e integração entre os diferentes centros, faculdades e departamentos das universidades.

Desse modo, esse período foi importante para compreender o universo que atravessa as interfaces entre a migração e a educação de nível superior, bem como apreender sinais da existência de várias formas de sofrimento presentes no grupo, o que viria posteriormente se confirmar no

decorrer do desenvolvimento do projeto. Ressalta-se também que a impressão inicial dessa fase de aproximação era de uma espécie de fragmentação do grupo e ausência de sentimento de pertença, embora paradoxalmente eles se reconhecessem como “grupo de estudantes PEC-G”. Todavia, eles próprios também possuíam uma divisão interna entre o “grupo de estudantes PEC-G africanos” e o “grupo de estudantes PEC-G latino-americanos”, mas ambos não apresentavam histórico de ações coletivas expressivas. Após vários meses intercalados entre reuniões de pactuação, férias acadêmicas e retomadas, o grupo de estudantes opta por iniciar o processo e informa que os interessados são estudantes PEC-G africanos. Isso confirmou as impressões iniciais e, em consonância com os desejos e deliberações dos estudantes, inicia-se a implantação do projeto em setembro de 2018.

A partir daí, outro desafio se apresenta, qual seja: encontrar um lugar disponível para realização da Oficina de Fotografia e Direitos Humanos, algo nada simples no interior da UnB, devido às centenas de atividades cotidianas, semelhante ao que ocorre em grande parte das universidades. Esse elemento é aqui relatado porque todo o trabalho com metodologias participativas que implica a construção de grupos e, como tal, o despertar do sentimento de pertença e de partilha, exige um espaço físico favorável para tal. Com efeito, o sentimento de grupo, a confiança e o diálogo são seriamente comprometidos em espaços que, por exemplo, impedem a criação de rodas. As rodas não são meramente um formato, mas essência epistemológica e metodológica da educação popular – e certamente de muitas outras correntes teóricas – que carregam consigo inúmeros elementos que favorecem o reconhecimento do Outro, facilitado pela possibilidade de olhar nos olhos, além de inúmeras questões que perpassam a ruptura de hierarquias, a criação de espaços democráticos, a desconcentração do poder e tantos outros aspectos que facilitam a livre circulação das palavras, sentimentos, estéticas e pensamentos. Nesse sentido, os espaços físicos mais impróprios para tal trabalho são os auditórios, com sua disposição cartesiana clássica e hierarquizada, suas cadeiras fixas e, para piorar, comumente em declive, de forma a instituir um lugar central: o palco com sua tradicional grande mesa destinada aos “iluminados”, isto é, exatamente o oposto da essência da educação popular.

Todavia, a primeira Oficina de Fotografia e Direitos Humanos do PVP Migrantes com os estudantes migrantes vinculados ao PEC-G teve que ser realizada precisamente no auditório da Biblioteca Central da UnB, um espaço bastante desfavorável, mas o único disponível. E assim o fizemos, contando com o único fator favorável: ao menos o ambiente não era em declive. Essa foi a primeira de cinco oficinas realizadas, que transitaram para diferentes espaços físicos, à medida da disponibilidade institucional. Afortunadamente, os demais espaços utilizados minimamente propiciaram a adaptação de uma roda, mesmo que, ironicamente, em volta de uma mesa retangular. As duas últimas oficinas foram realizadas em salas de aula, o que permitiu finalmente a criação de rodas. Assim, foram realizadas cinco oficinas do PVP Migrantes, em locais itinerantes, com frequência quinzenal, que contaram com a participação de 12 estudantes e seguiram a metodologia de Hoefel et al.⁶, adaptada à realidade local.

Essa metodologia implica a realização da primeira fase de análise durante as oficinas, de forma

coletiva e imersa no bojo das vivências, a partir de narrativas imagéticas, o que permite inscrever o olhar dos sujeitos na reflexão analítica acerca do processo vivenciado e romper com a histórica relação sujeito-objeto. No entanto, isso não significa negar outros processos de análise que possam agregar perspectivas analíticas, cujas interpretações retornam ao coletivo de participantes, os quais novamente são instigados a refletir e incrementar a análise, seja agregando ou ainda suprimindo aspectos quiçá discrepantes da realidade analisada. Desse modo, o método também prevê uma segunda etapa de análise qualitativa, com base na análise de conteúdo de Bardin⁸.

Após as duas etapas de análise, emergiram duas grandes categorias: a) direitos humanos e repercussões à saúde de migrantes integrantes do PEC-G/UnB; e b) cotidiano de vida de estudantes migrantes integrantes do PEC-G da UnB: narrativas de discriminação e preconceito. Destaca-se que as particularidades de cada uma das categorias são abordadas em artigos específicos^{9,10}, de modo que aqui são ressaltados tão somente seus elementos centrais, a fim de compartilhar não somente os caminhos de implantação do projeto, mas também os resultados advindos do processo.

Isso posto, é interessante notar que as primeiras impressões de sofrimento percebidas no decorrer do caminho se confirmaram de modo contundente em ambas categorias emergentes. De fato, a primeira delas traz à luz os diversos desafios enfrentados pelos estudantes desde seu país de origem, passando pela chegada ao Brasil e adentrando sua permanência no país e na UnB. Esses desafios revelam restrições à garantia de vários direitos que conferem dignidade à vida humana e que, por sua vez, repercutem de modo expressivo na saúde dos estudantes migrantes, especialmente na saúde mental. Nesse sentido, o acesso à habitação, à alimentação, aos serviços de saúde e à manutenção das condições materiais de existência foram os mais relatados nas oficinas e evocados como fatores determinantes da saúde⁹.

Outros fatores relacionados às relações e pressões internas da vida acadêmica, as lacunas relativas aos processos de acolhimento, as questões culturais e os desafios inerentes ao processo de migração, tais como a distância, a falta da família e das relações com os amigos, constituem fortes determinantes do estresse psicológico e da saúde mental dos estudantes migrantes⁹. De fato, o sofrimento mental é algo muito presente nas falas e sugere a necessidade urgente de elaboração de estratégias de enfrentamento. Ademais, esta pesquisa sinalizou obstáculos que afetam o conjunto dos universitários advindos das classes populares, o que traduz a imensa desigualdade social existente no Brasil e evidencia a urgência de construção de políticas públicas que favoreçam a garantia dos direitos humanos dos migrantes e de todos os cidadãos brasileiros.

A categoria “cotidiano de vida de estudantes migrantes integrantes do PEC-G da UnB: narrativas de discriminação e preconceito”, abordada por Freitas et al.¹⁰, trouxe à luz um universo cotidiano de vida atravessado fortemente pela discriminação e preconceito, que não se limita ao espaço acadêmico, mas é vivenciado e sentido nas experiências diárias da vida social. Várias narrativas apontam para situações de discriminação e preconceitos que variam desde fatos cotidianos ocorridos nas ruas da cidade, rodoviária e demais espaços públicos, centrados na discriminação racial e de classe,

bem como eventos do universo acadêmico, que se materializam nas salas de aulas e envolvem tanto alunos como professores. Isso gera um grande sentimento de desilusão entre os estudantes universitários migrantes africanos, que relatam uma discrepância profunda entre o imaginário prévio existente acerca da sociedade brasileira e a realidade revelada após a imersão no Brasil. O cotidiano da vida no país é retratado como profundamente hostil e discriminatório:

Eu vou te falar o que eu percebo, eles acham que a gente é pobre, machista, tudo o que é ruim, burro, [...] somos quase animais da floresta, não somos bem-vindos ao Brasil, eles acham que é o outro mundo, não tem como acreditar em você, em nada que você falar, acho que o brasileiro não todos, mas se for pra calcular seria 99,9%, o restante não, acham que tudo o que é ruim é o africano. (Lírio)¹⁰

Os relatos sinalizam estereótipos arraigados na sociedade brasileira, decorrentes de heranças do colonialismo, patriarcado e escravagismo, que foram diluídas na falsa ideia da democracia racial, amplamente disseminada e cristalizada na imagem do Brasil por longos períodos. Todavia, a realidade se mostra bem distinta, tal como percebido pelos estudantes migrantes.

Além disso, o cotidiano de vida os coloca frente a vários outros desafios, que frequentemente também expressam discriminações e preconceitos, além de constituírem, por si só, fatores estressores. Destaca-se a pressão emocional exercida pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação com relação à remessa financeira e contrapartida da família na manutenção dos estudantes. Isso foi observado no período inicial de construção dessa experiência, quando da participação da coordenação do projeto em evento de abertura do semestre acadêmico, que contou com a presença de representantes do Ministério da Educação e Ministério das Relações Exteriores, bem como foi bastante evocado nas oficinas.

Cabe esclarecer que o PEC-G possui várias cláusulas que constituem critérios de candidatura dos estudantes ao edital público de seleção realizado nos respectivos países. Entre eles, o edital estabelece a obrigatoriedade de as famílias arcarem com a manutenção dos estudantes no Brasil, por meio da remessa mensal de 400 dólares, destinada à manutenção da vida no país durante o período da graduação¹¹. Apesar da clareza da cláusula, muitas famílias apresentam enormes dificuldades de manter essas remessas de forma regular, o que gera privação de condições dignas de vida e mais pressões emocionais sobre os estudantes, que se veem diante de uma situação insolúvel, posto que, por um lado, os familiares muitas vezes não conseguem honrar com o compromisso assumido e, por outro, os estudantes não têm permissão para trabalhar, visto que essa é também uma norma do edital.

Ademais, há outro elemento cotidiano que atua como agente estressor, o imperativo de aprovação na prova de proficiência em língua portuguesa CELPE-Bras, a qual deve ser realizada até 6 meses depois da chegada dos estudantes ao país, sob o risco de terem que retornar às suas comunidades de origem em caso de reprovação¹⁰. O receio da reprovação e os simbolismos culturais envolvidos

na hipótese de ser obrigado a retornar sem a conquista do sonho acarretam profundo sofrimento adicional às situações já referidas de discriminação e preconceitos.

Por fim, a ausência da garantia de acesso à habitação, alimentação e condições básicas de vida é também elemento relatado como parte do cotidiano da vida, atravessado por situações de discriminação e preconceitos, que vão pouco a pouco esfacelando as expectativas presentes no imaginário dos estudantes. Apesar disso, eles resistem e aos poucos constroem formas de enfrentar as adversidades do cotidiano da vida. A experiência do PVP Migrantes foi uma das primeiras que conseguiu dialogar mais profundamente com parte desses estudantes e revelar para o conjunto da universidade um universo extremamente invisibilizado. É preciso dizer que há esforços institucionais setorizados no âmbito da UnB, porém eles ainda parecem frágeis diante de tantos desafios que se apresentam.

A experiência do projeto foi reconhecida pelos estudantes como elemento propulsor da sua própria organização e da criação de novas estratégias de luta. Isso gera vários desdobramentos, como a iniciativa recente protagonizada por eles, com intuito de analisar e intervir sobre os impactos da crise da COVID-19 na situação dos estudantes migrantes vinculados ao PEC-G em nível nacional. Essa iniciativa sinaliza mais capacidade organizativa, engajamento e sentimento de pertença, que certamente contribuirão gradativamente para ampliar a visibilidade e a garantia dos direitos humanos.

PVP MIGRANTES E MOUVEMENTS SANS-PAPIERS NO CONTEXTO DE PARIS

Em 2018, durante a implementação do PVP Migrantes na França, foi estabelecida uma importante parceria com o Collectif Libre Noir 93, uma rede de apoio que atua contra a discriminação e projetos de lei que reduzem os direitos de migrantes no departamento de Seine-Saint-Denis. O coletivo era composto à época pelas seguintes organizações: ASTI, Collectif de soutien aux sans-papiers de Livry-Gargan, Collectif unitaire de Saint-Denis, Coordination 93 de lutte des Sans-Papiers, La Cimade, Ligue des droits de l'Homme, MRAP, Réseau Education Sans Frontières, Réseau Université Sans Frontières Paris 8, Secours Catholique, Union Départementale CGT, Union Départementale Solidaires. As ações empreendidas por essas organizações caracterizam um movimento histórico de ocupação de instituições públicas e marchas que cruzam o país, com vistas à conservação de direitos adquiridos e à conquista de outros.

Quando do contato entre o PVP Migrantes e o Collectif Libre Noir, as manifestações públicas eram intensas, um momento considerado como o pior, até então, em termos de diálogo com o Estado. Tal fato levou a consideração de uma forma específica de atuação do PVP Migrantes frente à situação que se impunha. Assim, as proposições aqui apresentadas buscaram respeitar a realidade do movimento dos *sans-papiers* em relação à conjuntura política que se apresentava. O papel do PVP Migrantes foi o de se tornar um participante e colaborador propositivo dos processos e parcerias desse movimento migrante, principalmente em relação à produção de imagem e

organização de conteúdo, que compõem a memória desse processo coletivo de intervenção no real. A fim de valorizar as experiências anteriores do coletivo, no que tange às tomadas de espaço, marchas, fotografias, cartazes, textos e livros documentais, foram estabelecidas relações entre prática artística, pesquisa do espaço, imagem e migração. Buscou-se ir ao encontro do comum entre as manifestações coletivas, a documentação de tais processos e o desencadeamento de uma ação artística.

É importante frisar que as atividades desenvolvidas fazem parte de uma missão de estudo Brasil-França, caracterizada como doutorado sanduíche, vinculado ao PVP Migrantes e ao Programa de Pós-Graduação em Arte da UnB. Essa missão de estudos apropriou-se do fazer artístico como instrumento de pesquisa, reflexão e desenvolvimento de ações nas realidades locais, difundindo uma variedade de linguagens artísticas na metodologia do PVP Migrantes.

De início, a colaboração com o coletivo se materializou na captação de imagens fotográficas de uma manifestação em Bobigny (*Rassemblement* de 5 de março de 2018, Seine-Saint-Denis, França). O *rassemblement* à Bobigny ocorreu em frente ao órgão responsável pelo atendimento de pessoas que buscam a regularização de seu estatuto de estrangeiro na França. A manifestação foi simultânea a uma reunião entre representantes da instituição e representantes do Collectif du Livre Noir. Uma das demandas do movimento era o acesso mais rápido e igualitário dos estrangeiros aos serviços públicos, ou seja, o acesso à residência, às renovações de títulos e à naturalização. Tal reivindicação se baseava nas dificuldades encontradas para conseguir um horário de atendimento através do *website* da instituição, o que poderia levar meses. Para o coletivo, os procedimentos de recepção de demandas desmaterializadas, via internet, poderiam se tornar um desvio de gerenciamento do acesso à estadia no país, uma forma de recepcionar menos processos e de limitar o número de regularizações (*Rassemblement*, 2018).

A partir das imagens captadas no *rassemblement* à Bobigny e com a proximidade de um evento importante do movimento de apoio aos estrangeiros, surgiram as primeiras ideias de produção de um vídeo documentário e de um cartaz. Em diálogo com Marguerite Rollinde, membro da Coordination 93 de Lutte pour les Sans-Papiers e pesquisadora de gênero e migração, foram planejadas as captações de áudio e vídeo da assembleia local de Seine-Saint-Denis (Bobigny, 5 de maio de 2018) como parte dos États Généraux des Migrations, um processo que envolve centenas de coletivos e associações locais, nacionais e internacionais que: atuam em áreas como a emergência humanitária, o acesso aos direitos fundamentais e o intercâmbio intercultural a favor de pessoas migrantes; e organizam eventos públicos para denunciar as políticas em curso e agir a fim de obter uma mudança radical na política de migração (États Généraux des Migrations, 2018). O objetivo dessas proposições foi sintetizar as discussões levadas a cabo durante a jornada de trabalho em Bobigny para apresentá-las durante a Primeira Sessão Nacional dos États Généraux des Migrations (Montreuil, 26 e 27 de maio de 2018), representando o departamento Seine-Saint-Denis.

A composição das peças gráfica e videográfica teve como base a história do movimento, o

resumo escrito dos debates, as imagens e áudios captados no evento. A seleção do conteúdo que compõe os seis minutos de vídeo e o cartaz foi resultado de vários encontros com Marguerite Rollinde para debater as formas de representação do coletivo. A cada debate, os novos caminhos eram partilhados por correio eletrônico com o restante do coletivo, que propunha adaptações.

O uso do preto e vermelho, de frases de impacto, de fotografias de manifestações caracteriza a produção gráfica do coletivo. Essas escolhas se articulam para uma comunicação rápida e de fácil acesso, um princípio comunicacional que guiou as proposições imagéticas produzidas colaborativamente. A foto utilizada no cartaz foi captada no *rassemblement* à Bobigny, na qual um manifestante veste um cartaz cujo texto visível denuncia as dificuldades de acesso ao direito de permanecer na França frente ao crescente uso de plataformas *on-line* para os procedimentos de acolha de migrantes, o que dificulta o acesso de muitos deles. A imagem propõe um movimento contra a retenção e o isolamento. As frases de impacto que compõem a porção esquerda do cartaz foram recuperadas da síntese de ideias da assembleia local de Seine-Saint-Denis e passaram por uma reavaliação crítica do coletivo no processo de composição da peça gráfica. Sobre a última frase em vermelho, onde lemos “Políticas migratórias matam” (“*Politiques migratoires tuent*”), originalmente, tínhamos “O racismo de Estado mata” (“*Le racisme d’État tue*”); por divergências no coletivo, a frase foi alterada.

O vídeo documenta o debate levado a cabo durante a assembleia local de Seine-Saint-Denis, que contou com a participação de representantes da Coordination 93 de Lutte pour les Sans-Papiers, de exilados que ocupavam a Universidade Paris 8 à época, de professores de escolas públicas, da Campagne Travail Dissimulé, da pesquisa acadêmica engajada, Liga de Direitos Humanos de Seine-Saint-Denis, entre outros representantes da sociedade civil. O processo de edição do vídeo levou em consideração a necessidade de anonimato de alguns dos interventores, substituindo suas imagens por uma tela preta, de onde, em certos momentos, surgem palavras ou frases que evidenciam o teor de suas falas. Os relatos tratam de violências sofridas, exploração no trabalho e precariedade das condições de vida, como no caso dos menores isolados, jovens que vivem sozinhos em território francês, que vão à escola e que dormem nas ruas.

Além da apresentação do cartaz e do vídeo na Primeira Sessão Nacional dos États Généraux des Migrations, essas proposições participaram de outras mostras públicas relacionados à arte: Circuito Grude 2018, um circuito livre de trocas de lambes entre coletivos e artistas independentes para realização de colagens em espaços urbanos, que contou com a participação de 29 cidades entre Brasil, França e Espanha; exposição “Rasgo” (Bolsa Produção para Artes Visuais 7, Museu da Gravura Cidade de Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 2019), como parte da instalação “Rasgo Coletivo – *Les sans-papiers*”; e *performance* “Sopro”, realizada durante o II Colóquio Internacional Migração, Saúde e Direitos Humano (PVP, Universidade de Brasília, 2019). Essas mostras deram continuidade à intenção de expandir as possibilidades de leitura das práticas coletivas que estão na base dessas proposições num caminho complementar à difusão artística na metodologia do PVP Migrantes, ou seja, traçando um movimento em direção ao campo da arte em

seus desdobramentos contemporâneos.

Esse deslocamento da esfera da militância política para o espaço da arte teve seu ponto culminante quando cartaz e vídeo passaram a compor a ambientação da *performance* “Sopro”, realizada em duas situações, a primeira em Curitiba, na instalação “Rasgo Coletivo – *Les sans-papiers*” e a segunda no II Colóquio Internacional Migração, Saúde e Direitos Humanos em Brasília. Nas duas ocasiões, a realidade exposta nas peças, gráfica e videográfica, dividia o espaço com um corpo nu a soprar incessantemente uma folha de papel. A ação de soprar está intimamente ligada aos relatos de muitos migrantes sobre as travessias para chegar em um lugar menos perigoso que a terra de origem, seja por água ou terra, é preciso ter fôlego. A folha de papel soprada faz às vezes do som do vento nas ondas do mar e alude à superfície desses lugares de passagem que se assemelha a uma imensa folha de papel em branco, um todo plano que esconde e sustenta os corpos, os envolve. No confronto com o real, essa imagem de mar-papel se confunde com a situação dos *sans-papiers* na França, que passam seus dias a recolher papéis, documentos de sua existência, para provar que são, pois, ao corpo migrante, marcado pelo rasgo de atravessar fronteiras, não é dado o direito de aparecer e mostrar seu desassossego.

Sobre a instalação montada em Curitiba (Brasil) e que comporta o cartaz, o vídeo e a *performance*, a crítica de arte e curadora Marisa Flórido comenta:

No vídeo, os rostos dos migrantes *sans-papiers* estão borrados, eles não podem se mostrar, não podem ter imagem. Termo que vem do direito romano, o “direito à imagem”, garantia um lugar e uma voz na vida pública e na representação política. A imago romana era uma prerrogativa inseparável da *dignitas* republicana, como esclarece Didi-Huberman. “O que genocídios e depurações étnicas negam”, afirmaria por sua vez Jacques-Rancière, “é um primeiro direito à imagem anterior a toda propriedade do indivíduo sobre sua imagem: o direito a ser incluído na imagem da humanidade comum”. Quem regula, pela inclusão de sua imagem, a entrada na comunidade humana? Que imagem tem a humanidade? Como devolver o direito à aparição (à imagem) daqueles condenados à inexistência estética e política? Como dar visibilidade aos sem-imagem e sem-palavra (*sans-papiers*) incluí-los na imagem da humanidade? Mostrar o monstruoso do apagamento, para tornar visível, portanto, “existente”, aqueles privados de imagem e de voz? A *performance* “Sopro”, em parceria com Sabrina Lopes, fecha a tríade de trabalhos. Uma mulher agachada sopra, à quase exaustão física, sob uma folha de papel manteiga que repousa sobre o chão. O sopro produz ondulações como um mar encapelado. O sopro agita a pele d’água-papel e o empurra para que complete a travessia da sala. O papel (*papier*) e a pele escura; a pele d’água e o corpo do mar; o sopro do homem e o vento da terra. Nessa zona intersticial e flutuante, em que emergem figuras complexas de alteridade, é preciso transformar o colapso de fronteira e das vidas, no rasgo-fresta que se abre para acolher a diferença, que opera outras subjetivações e novas hospitalidades¹².

A *performance* realizada no II Colóquio Internacional Migração, Saúde e Direitos Humanos em Brasília aconteceu em uma sala fechada rodeada de poltronas confortáveis, mas não suficientemente

para acomodar a todos, os “espectadores”²⁵ se amontoavam à espera da performance anunciada. A partir do momento do aparecimento da *performer* na sala, o ambiente ganhou um pesar, que pouco a pouco, no ritmo do sopro e das vozes que vinham do vídeo e se repetiam incessantemente, tornou-se insuportável a ponto de provocar as mais diversas reações, inquietos relatos pessoais, sentimentos de indignação e de angústia causados pela nudez da performer, pelo seu esgotamento físico e pela impotência coletiva frente ao sofrimento. A sala tornou-se um espaço performativo, no sentido de que todos os presentes foram atuantes na criação dessa obra coletiva que tem a qualidade de atravessar fronteiras. Toda a performance foi registrada em vídeo, incluindo os relatos, esse material será motivo de reflexões futuras^{13,14}

Através desses deslocamentos, nas palavras de Christine Vollaire, “nós seremos conduzidos a pensar um poder reflexivo da imagem, em espelho de potência imaginativa do pensamento e de seu potencial político”¹⁵. Essas interações expõem o caminho percorrido pelas imagens e as escolhas estéticas que buscam evidenciar o valor documental das mesmas, dos seus processos de síntese de ideias alçadas de uma coletividade “de homens e mulheres que não têm nada a partilhar senão seus sofrimentos de excluídos sociais”¹⁶. A multiplicidade de meios que assistem às propostas comunicacionais e artísticas anteriormente citadas vão ao encontro da diversidade desse coletivo, suas variadas formas de dizer. A presença do corpo nas ruas ou nas bordas europeias do Mar Mediterrâneo encontra na *performance*, individual e coletiva, a potência peculiar das relações face a face, dos encontros. A difusão de outras linguagens artísticas na metodologia do PVP Migrantes na França permitiu não só fazer da arte um instrumento de pesquisa, reflexão e desenvolvimento de ações nas realidades locais, mas também ofertar à arte um campo de atuação capaz de redefinir os seus próprios limites.

Figura 1. Cartaz e vídeo *États Généraux des Migration* – Collectif du Livre Noir 93 (still, couleur, audio, 6 min)



Fonte: Documentação da assembleia local de Seine-Saint-Denis, États Généraux des Migrations, auditório da Bourse du Travail de Bobigny, França, 5 de maio de 2018. PVP Migrantes, 2018

Livre tradução do conteúdo escrito do cartaz: “93 EGM – estados gerais das migrações. Auto às disfunções da polícia. Polícia fora da lei. Qual é a política desejável na acolha de migrantes? Ao delito de solidariedade opomos o dever de solidariedade. Não aos acordos de Dublin. Contra a retenção de menores. Recusamos a triagem entre migrantes. Projeto de lei Macron, um texto perigoso, liberticida. Sim à liberdade de circulação e de instalação. Sim à acolha e à proteção de menores isolados. Sim ao fechamento dos centros de retenção. Desmaterialização de entrevistas – prática injusta e discriminatória contra a igualdade de direitos. Políticas migratórias matam”.

Figura 2. Apresentação do vídeo durante a Primeira Sessão Nacional dos États Généraux des Migrations, Montreuil, França, 26 e 27 de maio de 2018. PVP Migrantes, 2018



Figura 3. Cartaz États Généraux des Migration – Collectif du Livre Noir 93, PVP Migrantes. Parc de la Villette, Paris, França. Circuito Grude 2018, Brasil, França e Espanha



Foto: Circuito Grude

Figura 4. Sopro, performance duracional. Claudia Washington, 2019. Performer: Sabrina Lopes. Bolsa Produção para Artes Visuais 7, Fundação Cultural de Curitiba. Museu da Gravura Cidade de Curitiba, 18 de julho de 2019



PVPMIGRANTES, UERJ, PARES CÁRITAS E RIO DE JANEIRO: DA UNIVERSIDADE AO RECONHECIMENTO DA MIGRAÇÃO NA CIDADE

Somando ao mosaico do PVP Migrantes, na cidade do Rio de Janeiro foi estabelecida, em 2017, uma parceria através do Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio (PARES) da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro. O objetivo era estudar as representações e significações de migrantes em relação ao seu cotidiano, suas dimensões sociais, políticas e culturais articuladas com linguagens artísticas, o que possibilitou o contato com o olhar e a narrativa dos próprios sujeitos.

A Cáritas é um órgão eclesial vinculado à Igreja Católica e desenvolve projetos e programas direcionados principalmente a razões humanitárias e desafios da integração de refugiados. Aproximando-nos; o subsídio de informações, acolhimento emergencial e regularização de refúgio possibilitaram traçar os desafios, anteriormente citados, que não cessam no Brasil: trabalho, saúde, abrigo, vestuário, higiene, entre outros. Atuando para a sensibilização de parceiros e fazendo pressão para criação de políticas públicas, a Cáritas tem um constante trabalho de conscientização da crise humanitária e reflete ações possíveis junto a projetos e rede de parcerias para atuação interdisciplinar e geração de oportunidades.

A Arquidiocese do Rio de Janeiro iniciou em 1976 a assistência a refugiados de países vizinhos, oriundos sobretudo da Argentina, Chile e Uruguai, que chegavam à cidade fugindo de perseguição política realizada pelos regimes militares da época. Por decisão de Dom Eugênio Sales (então arcebispo do Rio de Janeiro), um serviço permanente de ajuda passou a oferecer abrigo. Com o apoio da Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), o atendimento a refugiados no Brasil foi sistematizado e o cardeal designou a Cáritas RJ para essa tarefa, em nome

ISSN 1982-8829 Tempus, actas de saúde colet, Brasília, 14(3), 15-43, set, 2020. Epub mai/2021

da Arquidiocese.

Atualmente, o PARES Cáritas RJ amplia o entendimento e o acolhimento às perseguições não apenas políticas, mas também por raça, religião, nacionalidade, pertencimento a grupo social específico ou sob enfrentamento de violação de direitos humanos. Sob os princípios de proteção, integração e mobilização, conta com entidades, organizações, empresas, universidades, órgãos públicos, organizações não governamentais (ONGs) e coletivos, cuja parceria visa atender refugiados de diversas nacionalidades.

De agosto a setembro de 2017, as “Oficinas de Direitos Humanos e Fotografia” foram realizadas nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS-UERJ), integrando às ações do projeto no contexto do Brasil. De acordo com Oliveira¹⁷:

Por meio da cultura digital, as informações advindas das oficinas favoreceram o estudo, considerando que, no tecido do vivido e do ter sido, a imagem é parte de experiências que coincidem com o acompanhamento desta pesquisa, que se baseia no registro como captura de uma percepção subjetiva. Na interpenetração de forças históricas, políticas, culturais, sociais, psicológicas e afetivas, a potência da imagem não se separa do real, e nos constitui enquanto seres desse mundo, feito também em imagem.

Na interface imagética em que pontos de vista se expuseram, os contornos da migração compuseram o contato, a escuta e o diálogo fundamentais em cada encontro, nos quais os pesquisadores buscavam acolher os relatos. Abrindo a consciência para a leitura e a mediação social, a importância admitida no uso das imagens resultou do rigor da aplicação do método, cuja realidade do encontro conferia o conhecimento e a relação de um mundo complexo, com múltiplos saberes e modos de sobrevivência. Ao organizarmos discursos e imagens, pudemos reconhecer, de acordo com Ciavatta¹⁸, uma “pretensa suspensão dos valores, uma entrega impensada aos significados que as imagens evocam, pondo em ato a exigência de uma nova epistemologia para sua compreensão”.

Conforme as oficinas se desenvolveram, as proposições resultaram em performances diante do que nos era comunicado. Os sacrifícios e motivos de migrar tiveram sim a sua tônica, mas convém destacar que o uso imagético em diversos contextos em vista da constante modernização tecnológica faz das relações e condições um entrecruzamento do que é humano e do que não o é, como parte da operacionalidade comunicacional, imediata, interativa e cotidiana¹⁷. Assim, implementar, desenvolver e participar das oficinas dependia naturalmente da criação de espaços e relações coletivas e horizontais, tal como é inerente a todas pesquisas que são norteadas pela perspectiva da epistemologia crítica. Desse modo, nosso olhar era permanentemente reorientado em uma constante reflexão a partir das narrativas imagéticas que emergiam, o que demandava sucessivos realinhamentos entre o conjunto dos facilitadores e participantes, constituído por

migrantes, graduandos, professores, mestrandos e representantes do PARES Cáritas RJ.

As origens, os relatos dos variados modos de deslocamento e as motivações para isso foram evocadas em cada partilha de percurso. Nessa direção, fomos embarcados nas seguintes perspectivas migrantes:

Há tentativa para chegar a algum lugar; muitos saem, fogem, mas nem todos chegam. (Migrante A)⁹

Tem olho para ver, mas não tem o caminho onde chegar. Não tem caminho certo ou pronto. De onde queremos chegar, não se sabe onde vai parar por muitos obstáculos. (Migrante B)

Dadas as circunstâncias expostas, notávamos um espaço vivo de reflexão, partilha de sensações e impressões que, sob diferentes rostos, identificamos diversidades na busca por sobrevivência. Nos corpos que migram, vimos também a cultura, a saudade e as memórias relacionadas, evocadas por um migrante ao afirmar que “a cultura é nossa identificação”, destacando o vínculo com as suas origens, quaisquer que fossem os motivos ou necessidades de estar em outro lugar, em contato com outras culturas.

A recordação da saída do país de origem, nitidamente desconfortável e nostálgica, e a busca por oportunidade traziam consigo o conflituoso relato de que há pessoas que suspeitam que eles vêm para roubar a riqueza do país. Relembrando o voo que o trouxe, um migrante disse ter se sentido “maltratado, discriminado, um traficante”. Segundo suas palavras, o que pensam dele é isso. Conforme Lévi-Strauss¹⁹, duas culturas elaboradas por homens pertencentes a uma mesma raça podem diferir tanto ou mais que duas culturas provenientes de grupos racialmente afastados:

Mas mesmo penetrados por um sentimento de humildade e convencidos desta limitação, encontramos outros problemas. Que devemos entender por culturas diferentes? Algumas parecem sê-lo, mas, se emergem de um tronco comum, não diferem da mesma forma que duas sociedades que em nenhum momento do seu desenvolvimento mantiveram quaisquer relações¹⁹.

No decurso das oficinas, foram mapeadas as seguintes dificuldades relatadas: idioma; preconceito; informação; orientação profissional; exploração e informalidade; falta de confiança por parte da sociedade e empregadores; processo de equivalência e validação do diploma de formação.

A série de encontros foi expressivamente positiva em todo o processo e a abordagem de temáticas próximas ao que se inscreve na esfera do real. Reconheceu-se a densidade do que se desconhece da migração e pode ser validado em cada narrativa. Isso somente foi possível em virtude do processo dialógico estabelecido com os sujeitos, pressuposto teórico-metodológico do PVP Migrantes. Cabe ressaltar que o desenvolvimento desse processo foi viabilizado pela Cooperação Multilateral, o

9 Optou-se pela denominação “Migrante A” e “Migrante B” para preservação das identidades.

que possibilitou a construção das parcerias abordadas neste artigo e favoreceu a compreensão das difíceis realidades da migração.

Considerando que o PVP Migrantes também visa promover o empoderamento e o protagonismo dos sujeitos migrantes, o método prevê a realização de uma exposição fotográfica ao final do processo – em caso de concordância dos participantes –, como forma de ampliar a visibilidade e pautar a temática dos direitos humanos dos migrantes no seio da sociedade. Assim, foi realizada uma exposição, unindo imagens, narrativas e reflexões que emergiram durante as oficinas. Como parte da materialidade e expansão dos encontros, ainda nas dependências do PPGPS-UERJ, os testemunhos gentilmente cedidos à pesquisa foram interconectados como reunião e compartilhamento sensíveis das experiências. Afinal, diante de tanta potência reconhecida, tornava-se fundamental (re)pensar e apresentar diferentes realidades de vida no contexto da migração, do refúgio e dos direitos humanos:

À luz da arte como manifesto humano, percepções, imaginários e emoções decorridos de conjunturas históricas, culturais e sociais surgiram das perspectivas inter-relacionadas a relatos, condições, lugares e fatos pelos quais migraram e inspiraram a exposição. Reunindo fotografias, painéis e produções que ilustram processos, memórias e representações, a prática discursiva e performativa criou um repertório imagético sob diferentes temáticas¹⁷.

Figura 5. Divulgação da exposição do Projeto Vidas Paralelas Migrantes



Fonte: Oliveira (2019)

Em relação à exposição, um processo de atravessamento (mútuo e contínuo) de palavras e práticas que incitavam a todo instante a sensibilização foi incorporado nessa ação comunicativa. Com fins de tradução da operacionalidade e criatividade horizontais, o convite ao que Latour²⁰

denomina “um intercâmbio de propriedades humanas e não humanas no seio de uma corporação” era, em suma, um acesso às associações dos traços característicos e subjetivos do processo.

A tradução se dá, geralmente, quando se sente uma relação de semelhança entre o original e o que se quer expressar. Traduz-se aquilo que toca, que sensibiliza, que provoca; ou seja, traduz-se aquilo que é mais difícil de traduzir. Busca-se traduzir as semelhanças não explícitas no original, instalando um desequilíbrio entre o estabelecido e o convencional e o resultado da operação criativa. Tradução e criação se interpenetram²¹.

Para além da UERJ, do PARES Cáritas RJ e do período das oficinas, mais elementos surgiram na cidade do Rio de Janeiro para ser combinado ao mosaico do PVP Migrantes. Toda uma pauta de eventos inspirava à expansão da empiria e contato com o tema da migração, “não existindo apenas um lugar de fala e afinando uma escuta ainda maior das dimensões gregárias que espaços instituíram nos mais diversos discursos e análises de um plano de constituição social no qual o migrante participa”¹⁷. A cidade como ampliação do campo e de perspectivas foi complementar ao recolocar o tema da migração sob diferentes causalidades, trazendo a ideia de um mapeamento de outras produções, encontros e pensamentos que circulavam e muito serviram à capacitação constante. Novas conexões e desenhos metodológicos possibilitam movimentos na associação, favoráveis a traduções e versões do fenômeno da migração contemplado de perto, consoante a Haraway²² (2008, p. 33), ao defender que “o único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular”.

Figura 6. Mosaico de eventos na cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Oliveira (2019)

Gerando continuidades, reconheceu-se o tanto que ainda há por se aprender e reconhecer com relação aos migrantes, sinalizando a importância de estar em diferentes espaços onde a informação circula e pode oferecer subsídios para a compreensão do fenômeno. Os eventos foram caminhos para muitas direções que iam desde a universidade até feiras, peça teatral, debates institucionais e extrainstitucionais, nos quais era possível conhecer mais a temática de acordo com cada programação. Nessas circunstâncias, a pertinência de múltiplas versões dessa migração

acompanhada carrega em si possibilidades de exceder um só conhecimento ou modo de produção de saberes, por ter sido observado de diversas formas e lugares¹⁷:

Revertendo tendências por dentro da própria prática de pesquisa, núcleos tão móveis quanto as vidas foram convidativos à participação urgente de programações, destituindo pretensões de uma única forma de tratamento, controle ou envolvimento com o tema. No olhar que migra para muitos, metamorfoseando o estudo do que esteve sendo performado em sua temporalidade, houve a capacitação de ser muitos, correspondente às vozes e fatos compartilhados em tudo o que se pode percorrer, se deixando encaminhar pelo que o campo sugere, avizinhandose no que implica risco por onde se desconhece, na prudência da experimentação de lançar-se e deixar ser lançado¹⁷.

EXPERIÊNCIA PARIS/FRANÇA: PESQUISA SOBRE O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO DE MIGRANTES/REFUGIADOS

O “Projeto Vidas Paralelas Migrantes: perspectivas Brasil-França CAPES/COFECUB”, realizado no período de novembro de 2018 a janeiro de 2019, previu como campo de pesquisa a cidade de Paris, tendo sido construída, inicialmente, a parceria do projeto com a Caritas Francesa/Paris (Secours Catholique – Caritas France), por meio do Programa de Atendimentos a Refugiados. Essa iniciativa, então, pretendeu consolidar os objetivos de conhecer os migrantes/refugiados, as condições sócio-históricas, econômicas e demográficas, a partir do mapeamento da trajetória do processo de migração, do cotidiano de vida, da cultura e do trabalho de migrantes em Paris/França. Assim, a pesquisa teve como proposta dar visibilidade ao contexto contemporâneo de vida e de trabalho dos migrantes/refugiados, a partir da perspectiva dos próprios sujeitos nos distintos espaços de vida, possibilitando a problematização e análise do modo como se estabelecem as relações sociais em suas múltiplas dimensões. A metodologia desenvolvida²³ teve como ênfase propiciar um espaço de diálogo, onde os atores sociais pudessem gerar informações, analisá-las e interpretá-las. Portanto, o caminho integrou diferentes métodos, a partir da demanda do grupo social, em uma concepção voltada para construção coletiva, participativa, tais como: oficinas, entrevistas individuais semiestruturadas ou entrevistas coletivas, aplicação de questionário, observação participante e diário de campo. É importante destacar que os sujeitos da pesquisa foram refugiados oriundos de meios desfavorecidos.

No entanto, em Paris, a partir das visitas e contatos iniciais com a Secours Catholique – Caritas France, o plano de trabalho precisou ser revisto e reelaborado em função das seguintes condições apresentadas pelos migrantes/refugiados e pelos parceiros: ausência de domínio do idioma francês pela maioria dos migrantes/refugiados; espaço para encontros coletivos indisponível; dificuldade de formação de grupos; clima de desconfiança junto aos migrantes/refugiados; baixa adesão à pesquisa por alguns voluntários/*bénévoles*, franceses integrantes da Caritas Francesa/Paris responsáveis pelos atendimentos aos migrantes/refugiados. Nesse sentido, com a revisão do plano de trabalho e dos instrumentos, optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas, cujo roteiro foi construído com base no levantamento do perfil sociodemográfico desse grupo social,

na trajetória migratória e de trabalho e na sua experiência no país atual. Dessa maneira, o percurso metodológico foi ampliado a um total de 23 visitas e contatos com outras instituições que tinham como foco de atenção os refugiados para o estabelecimento de novas parcerias, a fim de conhecer o trabalho dessas instituições e alcançar mais migrantes/refugiados.

Além disso, foram elaborados: plano de trabalho resumido entregue aos voluntários/*bénévoles* para leitura e apresentação da pesquisa, buscando estabelecer um vínculo inicial de confiança; convite para participação dos refugiados em francês, inglês e espanhol, com o objetivo de minimizar o sentimento de desconfiança e ressaltar a participação voluntária, anônima, garantindo-se o sigilo das informações; constituição de um roteiro de entrevista orientado pelos dados do questionário inicial, mas que promovesse um relato espontâneo e amplo. As entrevistas foram realizadas nos seguintes idiomas: francês, espanhol e inglês. É importante destacar que a metodologia proposta incluiu a visita e a participação nos eventos disponibilizados pelas instituições, na busca do estabelecimento de uma relação de confiança com os migrantes/refugiados e voluntários/*bénévoles*, que pudessem facilitar o conhecimento da instituição e a realização das entrevistas.

A proposta de pesquisa realizada nesses três meses buscou, então, contribuir para o PVP-Migrantes: perspectivas Brasil-França para ampliação dos estudos e pesquisas sobre o tema, na medida em que considerou conhecimentos e valores compartilhados com as diferentes parcerias em torno de um objetivo comum: conhecer a situação dos migrantes/refugiados.

A construção da pesquisa e respectivo plano de trabalho teve como fundamentação teórica a Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações. O projeto buscou enfatizar uma visão integrada e complexa desse campo²⁴, com base nos estudos teóricos sobre processos grupais e na pesquisa-ação^{25,26}, delineada na Concepção Psicossocial Integrada^{27,28}. Os fundamentos dessa concepção para pesquisa consistem na participação de todos, pesquisadores e participantes, definindo-se papéis, atribuições e responsabilidades, tendo como característica básica a implicação das pessoas que têm algo a “dizer” e a “fazer”. Um convite para olhar esse campo de estudo sobre o paradigma da complexidade, integrando cenários, percepções e subjetividades.

O pressuposto é um olhar psicossocial sobre o processo de socialização desses atores sociais, considerando que os indivíduos atravessam situações similares no processo de entrada em um grupo, em uma instituição ou em uma cultura. Como afirma Martin-Baró²⁹ “[...] entender la socialización como aquellos procesos psicosociales por en los que el individuo se desarrolla históricamente como persona y como miembro de una sociedad”. Considera-se o trabalho como elemento fundamental no processo de socialização, na medida em que as sociedades humanas, na contemporaneidade, organizam-se em função do trabalho, sendo este, muitas vezes, o definidor do sentido da existência humana. Portanto, parece-nos “imprescindível o olhar psicossociológico sobre o drama atual dos refugiados, questionamentos sobre os valores e crenças que estão norteando as relações sociais e de trabalho, sobre o lugar do ser humano neste contexto histórico e social”³⁰. Nessa perspectiva, o projeto tem como base o processo de socialização e a reflexão do conceito de

trabalho. Diante do cenário das migrações no mundo atual, a proposta, então, é uma Concepção Psicossocial Integrada^{27,28} que busque construir parcerias entre academia, sociedade civil e Estado, considerando as dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais para uma ação conjunta de transformação do espaço social.

A situação de migrante/refugiado representa um contexto de vulnerabilidade, de exclusão social e de mudança profunda de vida. A saída do seu país determina a perda do seu trabalho, da sua família, da sua identidade social, o que, em princípio, representa consequências importantes na vida dessas pessoas, podendo se traduzir em perdas futuras e afetar sua estrutura psíquica. Assim, os estudos e pesquisas devem considerar esse quadro de vulnerabilidade, a partir dos indicadores econômicos, sociais e culturais e analisar os movimentos dessa população na criação de espaços de diálogo permanente.

Em Paris, em missão de pós-doutoramento, o projeto se constituiu, inicialmente, na construção de um plano de trabalho de novembro de 2018 a janeiro de 2019 em três etapas, para a efetiva realização da pesquisa. A primeira etapa foi elaboração do plano de trabalho para rever o plano de trabalho inicial e os instrumentos previstos para realizar a pesquisa de acordo com a realidade e contexto Paris/França. Assim, foi definido um plano voltado para a realização de entrevistas, de um convite para os migrantes/refugiados e de um roteiro de entrevista, com base no questionário. A segunda etapa foi estabelecimento de parcerias: foram realizadas 23 visitas e contatos para estabelecer um contrato psicológico com as instituições visitadas para realização do estudo e pesquisa; apresentar o plano de trabalho do “Projeto Vidas Paralelas Migrantes: perspectivas Brasil-França CAPES/COFECUB”; conhecer as instituições, seus objetivos e trabalhos realizados. As instituições que estabeleceram parcerias com o projeto estão listadas no quadro a seguir.

Quadro 1. Parcerias estabelecidas

Instituições parceiras	Apresentação da instituição
Secours Catholique - Caritas France representada pelas sedes: Maison Saint Ambroise, sede jurídica Maison Caritas Alésia: Paroisse Saint-Pierre-de-Montrouge Alphabétisation Français, sede de ensino da língua francesa; Sarrete Lieu de Convivialité: Atelier socio-linguistique, sede de convivência para aprendizagem do idioma e outros cursos, como informática.	A Caritas Francesa trabalha para reduzir a pobreza e as desigualdades, conta com cerca de 68.000 voluntários ao lado de pessoas desfavorecidas, promovendo diferentes ações, principalmente o ensino do idioma francês e assistência jurídica. A delegação de Paris está organizada em 4 setores. Cada setor é composto por uma área de recepção principal e locais associados para um apoio global das pessoas, propondo um acompanhamento individual associado a ações coletivas: famílias, migrantes e pessoas da rua. https://www.secours-catholique.org

Association-La-Pierre-Blanche –“Bateau Je Sers”	A Associação, fundada em 1989 pelo Padre Arthur Hervet, está localizada no barco Je sers em Conflans Ste Honorin, oferece um acompanhamento acolhedor e pessoal para pessoas isoladas e que enfrentam dificuldades financeiras e/ou sociais, requerentes de asilo ou refugiados, atualmente a maioria é de tibetanos. https://www.lapierreblanche.org ; https://www.bateaujesers.org
Maison Suger – Fondation Maison des Sciences de l’Homme	Centro de pesquisa, recepção e cooperação foi criado como um espaço de iniciativas favorecendo o surgimento e a incubação de projetos incluídos ou não em uma programação científica, oferece uma oportunidade para enfrentar questões multidisciplinares e interdisciplinares e atua como incubadora de projetos de pesquisa internacionais. http://www.fmslh.fr/fr/international/4098
Causons – Au-Delà des Langues	Uma associação que favorece o intercâmbio linguístico de pessoas com necessidade de integração social. As atividades são centradas no oferecimento de cursos de idiomas para o público em geral pelos refugiados, buscando a valorização dessa população através do seu conhecimento das línguas, do encontro e das trocas em eventos promovidos pela instituição. https://www.causons.org
SINGA France	Movimento cidadão, a SINGA cria oportunidades de engajamento e colaboração entre refugiados e sua sociedade anfitriã, presente em 7 cidades na França e seis países, tem mais de 20.000 membros em sua comunidade, oferecem oficinas de intercâmbio cultural, apoio a empreendedores e conexões para uma recepção temporária de pessoas refugiados. https://www.singafrance.com
UniR Universités & Réfugié.e.s	Acompanhar estudantes refugiados em seu projeto de retomada de estudos e treinamentos. Participar na advocacia, pesquisa e desenvolvimento de soluções inovadoras, no campo do acesso à formação linguística e na retomada de estudos para pessoas migrantes. Acompanhar os atores do treinamento na consideração do público migrante. Crie espaços para troca entre exilados e a comunidade anfitriã. https://www.uni-r.org/

A terceira etapa foi a pesquisa de campo, realizada de novembro de 2018 a janeiro de 2019, com 25 entrevistas com refugiados que integravam as instituições parceiras, uma população em situação vulnerável. As entrevistas foram em três idiomas: 13 em francês; 6 em espanhol; 6 em inglês. As origens dos refugiados entrevistados foram 14 países, a saber: Tibete, 5; Sudão, 5; Espanha, 2; Colômbia, 2; Marrocos, 2; Sri Lanka, 1; Irã, 1; Mali, 1; Albânia, 1; Egito, 1; Índia, 1; Síria, 1; Bangladesh, 1; Tunísia, 1.

Em fevereiro de 2019, a pesquisadora enviou a cada parceiro uma carta de agradecimento pela contribuição à pesquisa, em que a pesquisadora e as coordenadoras do projeto expressaram seu agradecimento pela recepção e colaboração nesta pesquisa, esperando estarem juntos em outras oportunidades para dar continuidade a parceria.

Figura 7. Parcerias estabelecidas



Fonte: Relatório de Pesquisa CAPES-COFECUB

A participação na pesquisa foi voluntária, a partir de um contato inicial com a instituição e apresentação de uma carta convite a todos os migrantes/refugiados. Foram entrevistadas 10 mulheres (40%) e 15 homens (60%), devendo ressaltar que o número de mulheres e homens se assemelhavam entre as instituições parceiras, porém os homens se voluntariaram mais frequentemente. O percentual de analfabetos ou semianalfabetos foi de 32%, que corresponde a quatro tibetanos (16%), que não tiveram nenhum tipo de instrução em seu país, vivendo da agricultura, um entrevistado de Mali (4%), também sem instrução, e três sudaneses (12%) com 5 anos de estudo. A situação dos tibetanos foi confirmada em contatos informais com outros tibetanos durante os eventos, almoços e confraternizações, que comparecemos no “*Bateau Je sers*”. Neste sentido, encontravam muita dificuldade em aprender o francês e de se comunicarem. O barco hospeda 40 refugiados por ano, atualmente todos tibetanos, e está aberto a receber outros refugiados para alimentação diária, representando para essa população um espaço de proteção e de convivência, facilitador do processo de socialização, pois podiam “trocar” experiências e estabelecer uma relação de colaboração entre eles.

Entre os entrevistados, 68% apresentou baixo nível de escolaridade, ou seja, cursaram até o ensino médio incompleto, o que determina a busca de posições no mercado de trabalho menos qualificadas, como serviços de limpeza. Os países da Ásia (47%) e da África (45%) são a origem da maioria desses refugiados. Além disso, 75% são jovens e adultos, compreendendo a faixa etária de 15 a 45 anos. Os motivos ressaltados para saída do país de origem foram: 56% guerra, perseguição política e intolerância religiosa e 33% melhores condições de vida, busca de trabalho

e crise econômica.

A escolha da França como país de destino foi relacionada à política de migração conduzida pelo país, tendo uma tradição de acolhida e integração, assegurando igualdade diante da lei, conforme sua Constituição de 1958, fornecendo auxílio financeiro e a legalização com mais rapidez. No entanto, o emprego é mais difícil, como afirma um dos entrevistados: “conseguir trabalho nas associações (ONGs) é mais fácil, pois há uma maior aceitação de quem vem de fora”. Para ele, a primeira e maior dificuldade que o solicitante de refúgio encontra é a acomodação, pois precisa de um lugar para dormir e passar a noite; a segunda é aprender o idioma francês; a última é conseguir um trabalho, tanto pela falta de documentação como pela ausência de domínio do idioma.

Os entrevistados relataram algumas situações de risco e vulnerabilidade vividas no país atual por não terem sua situação regularizada, são os denominados “*sans-papier*”. Em um relato específico, uma mulher de 53 anos afirmou estar há 10 anos no país em situação irregular, pois trabalhou todos esses anos em uma casa de família, recebendo pelo serviço comida e hospedagem, não tendo aprendido a língua francesa. Outras questões citadas foram: a preocupação e inquietação com a questão da discriminação com os árabes na França; o preconceito dos franceses em relação aos imigrantes, “dificuldade de ser incluída na sociedade francesa, mesmo depois de tantos anos”. Por outro lado, reforçam que na França as condições de vida são melhores do que no país de origem, pois vieram de países em guerra e fugiram de perseguições políticas e religiosas. Tal situação se caracteriza por uma vida de muito sofrimento, com perdas familiares, de trabalho, conseqüentemente, tanto de condições econômicas como sociais. Outro fator que parece indicar a existência de uma vida melhor no país atual é a intenção de trazerem seus familiares para França.

Todos os entrevistados tinham uma ligação com uma organização não governamental que o apoiava e tentava minimizar essas dificuldades vividas, promovendo ensino do idioma, tentativa de regularização, busca de acomodação dos refugiados junto às famílias francesas, bem como capacitação e incubação de projetos das pessoas em situações de refúgio. A receptividade (29%), a segurança/liberdade (21%) e o trabalho (11%) totalizaram 61% das respostas apontadas como importantes para o processo de socialização. Essas categorizações foram identificadas nos seguintes relatos: morar com uma família; pessoas educadas; pessoas que ajudam; maneira que foi recepcionado; conseguir um trabalho; acesso aos serviços de saúde e educação; regras e direitos estabelecidos.

Nesse sentido, os resultados analisados parecem indicar a importância do acolhimento das organizações não governamentais como suporte ao processo de socialização dessas pessoas em situações desfavorecidas. Embora a legislação francesa propicie um sentimento de segurança, a partir da possibilidade de ser reconhecida a sua situação de refúgio e ter direito aos serviços básicos (saúde e educação), sozinha, essa legislação não se mostra suficiente. São necessárias ações das organizações que possibilitem uma ampliação e complementariedade às leis, favorecendo o sentimento de inclusão social, à medida que são atendidas as necessidades sociais básicas dos

imigrantes e refugiados.

Mediante esse quadro, a proposta é um convite à reflexão sobre o tema migrantes/refugiados, em uma abordagem psicossocial, tendo como fundamentos teórico-metodológicos a compreensão da socialização dessas pessoas e dos movimentos dos grupos sociais²⁸. Os estudos indicaram que os sujeitos migrantes constroem processos de socialização que buscam transpor as dificuldades culturais, “re” significar suas vidas e construir novas relações sociais. Nesse sentido, o apoio de uma rede de interlocutores locais pode ser facilitador desse processo, como constatado na pesquisa, com a participação de diferentes organizações não governamentais, articulando Estado e sociedade civil. O caminho pressupõe integrar a complexidade das múltiplas dimensões: individual, do grupo, das organizações e da sociedade; portanto, fundamenta-se na construção de parcerias entre academia, organizações, sociedade e Estado. Um percurso compreendido no estabelecimento de arenas de diálogo e conflito, de tensão e de construção coletiva. O desafio, nesse sentido, é “ligar” e “religar”, como afirma Morin²⁴, e, assim, buscar integrar diferentes concepções e mapear as inter-relações possíveis para iluminar a reflexão sobre o trabalho, o refúgio e a inclusão social; construir parcerias para implantação de espaços democráticos, visando romper modelos centralizadores; manter um discurso democrático (expresso em leis e ações governamentais formais) que deve acompanhar uma prática sintonizada com este compromisso.

A construção compartilhada parece ser o desafio atual, que reflita o empoderamento de todos os atores sociais, constituindo uma mudança cultural ao olharmos e enfrentarmos as questões sobre o ser humano. Uma parceria construída a partir de valores e crenças que, de acordo com a orientação da concepção psicossocial integrada, deve ser alicerçada por algumas condições essenciais: transparência, a partir do compartilhamento e circulação de informações qualificadas sobre a ação; relações de confiança, consolidadas a partir de relações interpessoais próximas e de respeito, em um clima de confiança recíproco; reconhecimento da diversidade, por meio da expressão e confrontação das diferenças; e compromisso, através do convite à ação coletiva e a corresponsabilidade²⁷.

Nesse sentido, esta pesquisa visou contribuir para o desenvolvimento do PVP Migrantes, consolidando o compartilhamento teórico e metodológico, bem como a construção coletiva de saberes entre Brasil e França. Diante de um tema tão complexo e multidimensional, buscou-se construir um plano de trabalho que pudesse gerar meios de ampliação do espaço de pesquisa intervenção e uma nova perspectiva do olhar psicossocial para os migrantes/refugiados que buscam acolhimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PVP Migrantes, a partir dos diferentes recortes de pesquisa e missões realizadas, contribuiu para desvelar o universo do cotidiano de vida de migrantes e refugiados no contexto do Brasil e França, favorecendo a construção coletiva do conhecimento. Os processos dialógicos desenvolvidos

foram capazes de trazer à luz os olhares dos próprios sujeitos acerca de seus percursos, demandas e desafios, evocados a partir da imagem, do simbólico e do sensível.

Os caminhos percorridos evidenciaram a importância da incorporação das linguagens imagéticas enquanto dispositivos profícuos para a produção de saberes e expressivamente potentes para revelar realidades ocultas e corroborar a articulação e o empoderamento de migrantes e refugiados.

Ademais, é notório que o projeto favoreceu a consolidação de uma cooperação científica multilateral, fomentando o compartilhamento teórico e metodológico, a produção e difusão científica, por meio de integração pesquisa-ensino-extensão, que envolveu sujeitos migrantes, trabalhadores, gestores, estudantes, professores e pesquisadores nos níveis de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, colaborando com o estreitamento das relações entre a universidade, a sociedade e o Estado. Desse modo, esta pesquisa foi importante para fomentar a capacidade de construção de respostas conjuntas com a sociedade para o fenômeno da migração.

Nesse sentido, os resultados indicam que a transformação e inclusão social dessa população passa necessariamente pelo fortalecimento de redes locais que envolvam associações, movimentos sociais e demais formas de organização que promovam o protagonismo dos sujeitos, favorecendo a criação de estratégias políticas capazes de exigir do Estado o cumprimento de seu papel no que tange à proteção social e à garantia dos direitos humanos de migrantes e refugiados.

REFERÊNCIAS

1. Hoefel MGL, Severo DO. Participação social em Saúde do Trabalhador: avanços, desafios e perspectivas contemporâneas. *Tempus Actas de Saúde Coletiva* 2011; 5(4):119-138.
2. Freire P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1992.
3. Freire P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1999.
4. Rancière J. *Le partage du sensible: esthétique et politique*. La Fabrique éditions; 2005.
5. Rancière J. *O espectador emancipado*. Rio de Janeiro: Martins Fontes; 2012.
6. Hoefel MGL, Severo DO, Washington C. Experiência do Projeto Vidas Paralelas Migrantes no Brasil: narrativas imagéticas sobre o trabalho e suas repercussões sobre a saúde. *Saúde em Redes* 2019; 5(2):227-236.
7. Brasil. Decreto nº 7.948, de 12 de março de 2013. Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação – PEC-G. Brasília; 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d7948.htm

8. Bardin L. *Análise de Conteúdo*. Rio de Janeiro: Edições 70; 1977.
9. Assis RR, Severo DO, Hoefel MGL. *Direitos Humanos e repercussões à Saúde de Migrantes integrantes do Programa de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G) na Universidade de Brasília. Relatório de pesquisa de Iniciação Científica PIBIC/Universidade de Brasília*; 2019.
10. Freitas LFFA, Severo DO, Hoefel MGL. *Cotidiano de vida de estudantes migrantes integrantes do PEC-G da UnB: narrativas de discriminação e preconceito. Relatório de pesquisa de Iniciação Científica PIBIC/Universidade de Brasília*; 2019.
11. Brasil. Edital nº 34/2019. Processo seletivo 2020 para ingresso no Programa de Estudantes-Convênio de Graduação – PEC-G. Brasília; 2019. Disponível em: http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/2020/Edital_PEC-G_2020.pdf
12. Flórido M. *Entre monstros e libélulas*. In: Rando JAG (Org.) *Bolsa Produção para artes visuais 7. Catálogo de exposição*. Fundação Cultural de Curitiba; 2019.
13. Washington C. *Rasgo*. In Rando JAG. (Org.), *Bolsa Produção para artes visuais 7. Catálogo de exposição*. Fundação Cultural de Curitiba; 2019.
14. Washington C. *Rasgo: a arte de engendrar espaço*. [Tese de Doutorado em Artes], Universidade de Brasília, Brasília; 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35293>
15. Vollaire C. *Pour une philosophie de terrain*. Creaphis; 2017.
16. Sofentier M. *Ballade au Croë*. Édition d’auteur. Paris; 2017.
17. Oliveira WA. *Vidas migrantes: rastros, relatos e travessias psicossociais na cidade do Rio de Janeiro*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro], Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social; 2019.
18. Ciavatta M. *O trabalho docente e os caminhos do conhecimento: a historicidade da Educação Profissional*. 1º ed. São Paulo: Lamparina; 2015.
19. Lévi-Strauss C. *Raça e História*. In Lévi-Strauss C. (Org.), *Antropologia Estrutural II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1976.
20. Latour B. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*, São Carlos: Edusc; 2001.

21. Panichi ERP. Pedro Nava e a construção do texto. São Paulo: Eduel; Ateliê Editorial; 2003.
22. Haraway D. When species meet. Minnesota: University of Minnesota Press; 2008.
23. Hoefel MGL. Document d'orientation de la Méthodologie du Projet Vies Parallèles Migrantes à Paris (CAPES-COFECUB); 2017.
24. Morin E. Introdução ao Pensamento Complexo. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina; 2007.
25. Thiollent M. Metodologia da Pesquisa. 13ª ed. São Paulo: Cortez; 2004.
26. Thiollent M. Pesquisa-ação nas organizações. 2ª ed. Rio de Janeiro: Atlas; 2009.
27. Ayres HHF. Conselhos de Gestão de Parques: grupos sociais em movimento? [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro], Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS; 2012.
28. Ayres HHF. Research and Integrated Intervention – a trajectory for new values in the field of work and organizations. In I. Bauman-Vitolina (Ed.), Organization 4.1: the role of values in the organizations of the 21st century of 16th Conference of the International Society for the Study of Work & Organizational Values, ISSWOV; 2018.
29. Martin-Baró I. Accion e Ideologia. Psicologia Social desde Centroamérica. San Salvador: UCA; 1982.
30. Ayres HHF, Hoefel MGL, Andrade RGN, Oliveira WA, Carine ASS, Silva Nunes DAS, Gama LG, Oliveira NC. Work, Refuge and Social Inclusion I. Bauman-Vitolina (Ed.), Organization 4.1: the role of values in the organizations of the 21st century of 16th Conference of the International Society for the Study of Work & Organizational Values, ISSWOV; 2018.

Artigo apresentado em junho de 2020

Artigo aprovado em agosto de 2020

Artigo publicado em maio de 2021